

33° Encontro Anual da ANPOCS - GT 25: Migrações Internacionais

ASSOCIAÇÕES ITALIANAS COMO CANAIS DE MOBILIDADE SOCIAL

Rosane Siqueira Teixeira

26 a 30 de outubro de 2009

0

## Associações italianas como canais de mobilidade social

Rosane Siqueira Teixeira<sup>1</sup>

### Introdução

No Brasil, os estudos sobre as associações mutuais ainda estão em fase inicial, sobretudo se compararmos com a produção historiográfica existente nos países latino-americanos (Estrada, 1992; Silberstein, 1992; Bestene, 1992; Fernandez, 1992; Devoto 1991 e 1992; Baily, 1982 etc.) e europeus (Marucco, 1992; Trento, 1992; Rosoli, 1992 etc.). A recente produção acadêmica tem dado uma significativa atenção à análise do mutualismo no mundo do trabalho (Batalha, 1999; Fortes, 1999; Biondi, 2002 etc.) na medida em que ela questiona se há ou não relações de continuidade entre as mutuais e as associações de resistência operária. Outras produções como, por exemplo, Trento (1989), Bertonha (2001) e Martins (1973 e 1992) estudaram este tema em trabalhos mais amplos.

Entre os estudos em curso<sup>2</sup>, destacam-se os de Viscardi (2004 e 2006), que se concentra nas mutuais localizadas em Minas Gerais, especificamente em Juiz de Fora, utilizando-se de vasto material. Suas publicações abrem um amplo leque de possibilidades de investigações. Este tema tem como referência o trabalho pioneiro de De Luca (1990), que, ao estudar as inúmeras associações de socorros mútuos espalhadas pelas principais cidades do Estado de São Paulo, focalizando sobretudo a Capital e a cidade de Santos, teve como argumento principal que estas não deram origem e nem se confundem com o sindicalismo. Outro trabalho importante, também considerado pioneiro, é o de Kushnir (1996), que explora o interior de duas associações de socorros mútuos pertencentes a imigrantes judeus, uma localizada no Rio de Janeiro e a outra em São Paulo, e mostra o mundo da prostituição de mulheres judias e suas buscas pela manutenção de uma identidade étnico-religiosa. Por sua vez, merece destaque o estudo de Silva Jr. (1999). Ele examinou a relação das associações mutuais com o Estado, a elite econômica e os

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais e doutoranda em Sociologia, ambos pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisa as associações italianas que existiram em Araraquara e em Catanduva nas primeiras décadas do século XX. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> Dentre outros, vale mencionar duas publicações de minha autoria: Teixeira (2007 e 2008).

potentados locais e verificou que havia troca de favores entre estas instituições. Silva Jr. concluiu que, por um lado, garantiam-se os benefícios e a proteção, por outro, obtinham-se favores políticos. Ele apontou que o mutualismo pode ser usado como estratégia para atingir determinados fins, especialmente o de evitar o descenso social. O trabalho mais recente deste tema foi desenvolvido por Furlanetto (2008) em sua tese de doutorado, que teve como foco principal as associações mútuas italianas da cidade de Ribeirão Preto (SP). Ela procurou demonstrar as diferentes estratégias utilizadas pelos italianos no contexto das associações. De maneira geral, nota-se que a diferença dos estudos sobre o mutualismo está mais voltada para o ponto de vista teórico-conceitual do que para o empírico.

Este artigo, portanto, tem por finalidade ampliar o debate histórico-social a respeito das associações mútuas analisando a mobilidade social dos italianos que pertenceram à *Società Meridionale Uniti*<sup>3</sup>, à *Società Italiana di Mutuo Soccorso*<sup>4</sup>, à *Società Italiana di Beneficenza*<sup>5</sup> e à *Società Italiani Uniti*<sup>6</sup>. Tem-se como pressuposto que as experiências proporcionadas pelo associativismo se constituíram como canais de mobilidade social.<sup>7</sup>

Os dados comentados aqui provêm de pesquisa ainda em andamento e de âmbito maior. Intenta-se, dessa maneira, tornar público alguns discernimentos oriundos de tal pesquisa, que abrange o final do século XIX e se estende até 1942. As principais fontes para o estudo das associações são constituídas pelas Atas das Assembléias, que são documentos, neste caso, manuscritos em língua italiana, o que ilustra e demarca o elo de identidade dos seus integrantes com a cultura italiana. Suas páginas registram todos os fatos ocorridos durante a sessão, embora sem muito detalhamento, sobretudo quando há conflitos, disputas e rupturas entre os membros. O que dificulta a análise dessas Atas é o espaço de tempo que ocorre entre uma reunião a outra, que conseqüentemente deixa uma ausência de informações úteis. Percebe-se, contudo, que seu registro é uma maneira de conceder autenticidade aos assuntos discutidos nas reuniões e de inscrever a história da associação. Elas são, sem sombra de dúvida, preciosos documentos. Entretanto, como ocorre com outras fontes, esta precisa ser complementada, o que enriquece ainda mais o trabalho (Cf. Demartini, 2005).

---

<sup>3</sup> Doravante *SMU*.

<sup>4</sup> Doravante *SIMS*.

<sup>5</sup> Doravante *SIB*.

<sup>6</sup> Doravante *SIU*.

<sup>7</sup> Cumpre dizer que essas associações são pensadas como *configurações*, pois elas organizam o conjunto das relações sociais (Cf. Norbert Elias). Ademais, consideramos o associativismo como fonte produtora de capital social.

### Araraquara: uma cidade de italianos

Como é sabido, centenas de milhares de italianos, após a unificação da Itália ocorrida em 1861, emigraram das suas regiões e dirigiram-se para o Brasil. Os principais fatores que contribuíram para essa emigração foram de ordem econômica e demográfica (Cf. Trento, 1989; Sala, 2005), mas acima de tudo foi pela miséria que assolava o povo italiano naquele momento (Cf. Trento, 1989; Franzina, 2006).

Por outro lado, no Brasil, os movimentos abolicionistas e o desenvolvimento de políticas governamentais para atrair imigrantes criaram um ambiente favorável para a vinda dos italianos. Até 1888, ano da abolição, o Brasil era um país escravocrata. O trabalho nas grandes plantações agrícolas cabia aos negros. Desde 1850, porém, com a publicação da lei que impedia o tráfico negreiro, a mão-de-obra escrava começou a escassear e a tornar-se mais cara. Além disso, na década seguinte, intensificou-se a campanha abolicionista, o que só fez aumentar o número de fugas e revoltas de escravos.<sup>8</sup> Os fazendeiros participavam, então, de um amplo debate no qual os defensores de uma política imigrantista acabaram ganhando posições. O impulso definitivo foi dado pelos cafeicultores das novas áreas incorporadas ao cultivo, no oeste do Estado de São Paulo, onde a falta de mão-de-obra disponível tornava-se mais intensa. Vieram daí as pressões definitivas pela introdução de imigrantes e pelo fim do tráfico interno de escravos, mas ainda havia as pressões pela continuação da escravidão. Desse modo, a vinda dos imigrantes para o Brasil está intrinsecamente ligada ao processo de substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre (Cf. Martins, 1981).

A partir de 1870, as correntes migratórias eram constituídas por dois tipos de migrantes: os espontâneos e os subvencionados (ou subsidiados). Via de regra, os migrantes classificados como espontâneos eram aqueles que viajavam com seus próprios recursos. Enquanto os subvencionados, eram arregimentados em suas aldeias de origem na Itália por agenciadores contratados pelo governo brasileiro e trazidos para o Brasil com todas as despesas pagas até o destino final. Este podia ser para as fazendas ou para se instalar nos núcleos coloniais, com contratos pré-estabelecidos. Os recrutadores davam mais preferência às famílias trabalhadoras do que aos trabalhadores isolados. Ao chegarem ao porto de Santos, os imigrantes eram transportados até a Hospedaria dos Imigrantes (a partir de 1888) e depois encaminhados por

---

<sup>8</sup> A proibição do tráfico negreiro – Lei Eusébio de Queiroz -, que coincide com a Lei de Terras de 1850, a Lei do Ventre Livre (1871), a Lei dos Sexagenários (1885), o crescimento da campanha pela abolição da escravatura e sua consolidação em 13 de maio de 1888, foram os principais fatores para a busca de soluções alternativas de obtenção de mão-de-obra.

estrada de ferro para seu destino (Cf. Martins, 1981). Contudo, um ponto desse processo migratório merece maior atenção.

Às vezes ocorria do imigrante burlar esse esquema fechado, fugindo da Hospedaria ou então extraviando-se já no porto de Santos, para evitar que fosse levado para as fazendas, preferindo localizar-se na cidade de São Paulo, geralmente junto a patrícios que o antecederam (Martins, 1981, p. 239).

De fato, Folquito Verona (*Apud Oliveira, 2008*), quando analisou os trabalhadores têxteis da cidade de Schio (Itália) para São Paulo, encontrou divergências entre suas identificações, pois eram registrados como camponeses ou trabalhadores rurais, o que não correspondia a sua ocupação. Ele acentua que “a preponderância da multidão dos chegados sobrepôs-se às minorias específicas” (Verona *Apud Oliveira, 2008, p. 42*). A esse respeito, Oliveira acredita que é necessário tomar cuidado quanto à generalização da imigração camponesa no contexto da grande imigração, apesar dela ter sido a mais numerosa. Na verdade, como bem observa Oliveira (2008, p. 42), muitas vezes o imigrante de origem urbana se identificava como camponês com o intuito de obter a passagem gratuita subvencionada pelo governo brasileiro, e sua documentação de embarque era preenchida como tal.

Retomando, Martins (1981) afirma que é lícito distinguir três destinos dados aos imigrantes que chegaram no Brasil. O maior número deles foi levado para as fazendas de café do interior de São Paulo. O outro destino foram os núcleos coloniais, na maior parte oficial, situados nas regiões pioneiras e afastados dos centros urbanos das cidades de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Para esses núcleos foram levados um número significativo de imigrantes. E uma parte dos imigrantes dirigiu-se às cidades. Essa parte era composta por “pequenos negociantes, intelectuais, artesãos, operários e até capitalistas” (Martins, 1981, p. 238). Nosso foco de análise corresponde justamente ao terceiro destino: as cidades, especialmente a de Araraquara.

Araraquara está localizada no centro-norte do Estado de São Paulo, com uma distância de 280 km da capital. Ela foi fundada pelo mineiro Pedro José Neto, por volta do ano de 1790-1795, e elevada à categoria de cidade no dia 6 de fevereiro de 1889 (Cf. Souza, 2003). Com o desenvolvimento da economia cafeeira, sobretudo após a instalação da Estrada de Ferro em 1885, os fazendeiros araraquarenses contavam com a vinda de famílias imigrantes para substituir a mão-de-obra do negro liberto, pois mesmo arrematando trabalhadores nacionais livres, especialmente nordestinos e baianos, não era suficiente para suprir a demanda na lavoura (Cf.

Corrêa, 1967; Monteiro, 2000). Desse modo, o município recebeu um número expressivo de estrangeiros. Para se dar uma idéia, no ano de 1897 o município de Araraquara tinha, ao todo, 21.140 empregados em atividades agrícolas, dos quais 19.000 eram estrangeiros. (Cf. Telaroli, 1977).

Mas aqui pretendemos focalizar os imigrantes italianos que optaram por morar na cidade, cuja significativa presença pode ser visualizada por meio do *Recenseamento de Araraquara, 1902* (Arquivo Público Histórico "Rodolpho Telaroli" de Araraquara)<sup>9</sup>.

Tabela 1: Número de italianos em Araraquara no ano de 1902.

	Italianos/idade	Homens	Mulheres
M E S E S	1	1	5
	2	4	2
	3	4	-
	4	3	2
	5	1	2
	6	5	4
	7	4	1
	8	2	3
	9	3	1
	10	1	6
	11	1	-
A N O S  C O M P L E T O S	1	26	19
	2	26	30
	3	31	29
	4	19	35
	5	13	25

<sup>9</sup> Doravante APHRT.

Italianos/idade		Homens	Mulheres
Q U I N Q U Ê N I O S	6-10	97	101
	11-15	85	68
	16-20	60	55
	21-25	64	57
	26-30	69	69
D E C Ê N I O S	31-40	139	75
	41-50	95	61
	51-60	49	25
	61-70	14	13
	71-80	3	1
Total italianos 1507		818	689
Habitantes 4046/Nacionais 1859/Estrangeiros 2187 Portugueses 282/Espanhóis 131/Outras nacionalidades 67			

Fonte: APHRT, Recenseamento de Araraquara, 1902.

Esse Recenseamento foi realizado entre meados de abril e 15 de agosto de 1902, pelo médico brasileiro Aduacto Chastinet, que na época tinha 26 anos e era casado. Ele percorreu ruas e avenidas, casa por casa, e anotou de punho próprio, em um livro, a relação de todos os moradores da cidade. Nesta relação, constam os nomes de todos da família, dos agregados, a nacionalidade, a idade e a ocupação profissional. Chastinet visitou cerca de 910 casas (Cf. Talarolli, 2003). Desse montante de casas visitadas, podemos observar que moravam 1.859 brasileiros e 2.187 estrangeiros, sendo 1.507 italianos, 282 portugueses, 131 espanhóis e distribuídos entre outras nacionalidades apenas 67. Vê-se que os italianos representam quase a totalidade dos estrangeiros na cidade de Araraquara. Já em 1909, por exemplo, o *Relatório apresentado a Ilma. Câmara Municipal em sessão de 15 de janeiro de 1910, pelo Prefeito Américo Danielli* (APHRT, p. 13) apontava que, dos 1.251 nascimentos, 329 eram filhos de pais brasileiros e 922 de estrangeiros. Dado o montante constatado em 1902, pode-se presumir que a maioria era filho de pais italianos.

A esse respeito, Oliveira (2008, p. 59) bem observa que em diversos lugares do interior paulista, onde havia concentração de imigrantes italianos, o crescimento vegetativo entre eles geralmente era maior do que o de brasileiros. Ela cita os casos da cidade de Jaú e de Amparo, onde os italianos predominavam como etnia em comparação aos estrangeiros, assim como em Araraquara.

Em relação à faixa etária, o Recenseamento nos mostra que, além do número significativo de crianças, houve uma concentração maior de indivíduos entre 31-40 e 41-50 anos, o que indica que foi uma emigração de adultos, mas ao mesmo tempo também de indivíduos que estavam no auge de suas capacidades produtivas e com perspectivas de longo prazo, representadas na Tabela pelos quinquênios. Quanto aos sexos, houve basicamente um equilíbrio.

Ao fazermos uma leitura mais atenta deste Recenseamento, também foi possível constatar que a concentração maior de estrangeiros estava nas Ruas 1 (341 estrangeiros – 115 nacionais) e 2 (484 estrangeiros – 136 nacionais), com a liderança dos italianos. A saber, as Ruas e Avenidas de Araraquara eram identificadas por números. Somente após um projeto apresentado pelos vereadores, colocado em votação no ano de 1914 e aprovado em seguida, é que começou a vigorar a denominação por nomes (Cf. Correa, 1967, p. 313-314). Nota-se que as principais Ruas da cidade eram a Gonçalves Dias (Rua 1) e a do Comércio (Rua 2).

Em Araraquara, à semelhança de outros municípios, a chegada dos imigrantes não precisa ser necessariamente entendida somente como meio de suprir a mão-de-obra nas fazendas. Ela também pode ser vista por outro ângulo, pois, uma vez livres e remunerados, os imigrantes contribuíam para a promoção de circulação de riquezas, o que resultava no desenvolvimento do núcleo urbano. Por sua vez, o crescimento urbano, condicionado pela atividade cafeeira, exigia maior diversificação dos segmentos profissionais, comerciais e industriais para suprir a demanda de um mercado consumidor ainda em gestação (Cf. Lorenzo, 1979; Telarolli, 2003). Nesse sentido, o *Álbum de Araraquara, 1915* informa que os italianos estabelecidos na cidade tiveram destaque em praticamente todos os segmentos.

### Identificando os italianos

No prefácio à edição italiana de *O queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg, com muita perspicácia, faz a seguinte observação:

No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer somente as 'gestas dos reis'. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. 'Quem

construiu Tebas das sete portas?’ – perguntava o ‘leitor operário’ de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo o seu peso (Ginzburg, 1987, p. 15).

Quando comecei a pesquisar as Atas das associações italianas, deparei-me com um acúmulo de nomes de pessoas (ao todo são 275) que relativamente eu conhecia por terem sobrenomes de famílias tradicionais da sociedade araraquarense. É claro que uns eram mais conhecidos e outros menos. Não obstante a quantidade de nomes, achei que pudesse encontrar, com certa facilidade, informações sobre a vida e trajetória desses italianos, não de todos. Aqui não se tratam de *pedreiros anônimos*, mas de pessoas que tiveram um importante papel no crescimento econômico da cidade e foram reconhecidos pelos próprios contemporâneos. Um exemplo disso são as placas de Ruas que levam seus nomes. Contudo, o que existe, de fato, é uma escassez de informações.

Quem são esses italianos? Para responder tal questão fiz uma verdadeira “peregrinação pelos arquivos” (Cf. Darnton, 1986) e os *detalhes*, aparentemente irrelevantes, foram a chave para desvendar uma rede de significados sociais (Cf. Freud, 1924).

Apesar dos obstáculos, os documentos encontrados, entre eles, os Autos de Casamentos, foram especialmente significativos enquanto registros históricos. Estes, ou seja, os processos de casamentos realizados no civil, fornecem pistas preciosas a respeito das pessoas, pois neles encontramos a qualificação tanto dos noivos (inclusive dos pais), quanto dos padrinhos (geralmente dois e, na época pesquisada - 1889-1932 -, somente do sexo masculino). A partir de tais documentos, conseguimos visualizar, entre outros, a procedência regional de muitos deles.

Tabela 2: Relação quantitativa da origem dos italianos das associações de socorro mútuo e de beneficência de Araraquara (SMU, SIMS, SIB e SIU).

Itália do Norte	N°	Itália Central	N°	Itália do Sul	N°	Registrados como italianos/brasileiros	N°	Nascidos no Brasil	N°
Friuli-Veneza Giulia		Toscana		Molise		Italianos	73	Araraquara-SP	11
Udine	1	Lucca	2	Campobasso	5	Brasileiros	2	Matão-SP	1
Trieste	2	Úmbria		Campânia				Faxina-SP	1
Vêneto		Terni	1	Nápoles	1			Dourado-SP	1
Verona	1	Perúgia	1	Salerno	3			São Carlos-SP	3
Treviso	1	Lácio		Avellino	2			Ribeirão Preto-SP	1
Rovigo	1	Rieti	1	Benevento	3			Mococa-SP	1
Lombardia		Roma	2	Basilicata				São Paulo-SP	1
Milão	1			Potenza	2			Vassouras-RJ	1
Mântua	8			Calábria				Mirim-MG	1
Cremona	1			Cosenza*	10				
Emília Romana				Catanzaro	8				
Ferrara	4								
Bolonha	1								
Módena	1								
Total	22	Total	7	Total	34	Total	75	Total	22
Total de nomes identificados: 160									
Total de nomes pesquisados: 275									

Fonte: APHRT, Autos de Casamentos, 1889-1932.

\*Dos dez membros oriundos de Cosenza, quatro deles vieram da *comune* (equivalente ao município no Brasil) de *Spezzano Albanese* juntamente com suas famílias, cujos sobrenomes são: Tucci, Longo, Gullo e Blundi.

Dos italianos que estavam inscritos nos Autos de Casamentos (160), não foi possível identificar a origem regional de todos, pois, como vimos, 73 deles foram registrados somente como originários de seu país (italianos). Isso, provavelmente, deve-se ao fato de nem sempre o escrivão entender a língua italiana. Mas, daqueles que tiveram registros, nota-se que há um número expressivo de italianos do Norte e do Sul da Itália e, em menor quantidade, da região central. É bem significativo o número de italianos que nasceram em Araraquara, o que demonstra o caráter de uma emigração permanente. O deslocamento espacial também é outro ponto a ser percebido. Esse deslocamento deu-se não apenas de cidades da região, mas de outros Estados. É importante dizer que desse montante levantado (160) não encontramos nenhum deles qualificado como analfabeto.

O processo imigratório segue determinadas peculiaridades que vão além de explicações de ordem econômica. Estas se referem às particularidades socioculturais de cada região da península e sua representatividade em termos de inserção do imigrante nas cidades do interior paulista. Na cidade de Jaú, por exemplo, Oliveira (2008) assinala que os imigrantes italianos das regiões do Vêneto e da Calábria compunham o maior contingente. Em Araraquara, os historiadores locais dizem que os italianos do Norte vieram em maior quantidade. Pode ser possível, apesar de ainda não existir uma estatística confiável do número de imigrantes que chegaram nesta cidade de acordo com a região de procedência, pois a associação que tinha o maior número de sócios era a que pertencia aos italianos oriundos do Norte da Itália. Mas é importante dizer que os sulinos também tiveram muita representatividade em Araraquara, se tomarmos como base, sobretudo, o número de sócios da associação fundada pelos italianos do Sul.

Não é de hoje, mas existe uma discussão entre os estudiosos da emigração/imigração sobre a predominância da emigração meridional como a primeira a chegar ao Brasil a partir dos anos setenta do século XIX. Trento (1989) e Alvim (1986), por exemplo, asseguram que não é verdade, mas deixam claro que isso não significa que a emigração meridional estava ausente ou tenha sido inexpressiva nesse momento. Para os autores, alguns fatores devem ser observados, entre eles, destacamos dois. O primeiro, de mais relevância, refere-se à transição capitalista italiana que se processou sucessivamente por regiões e, concomitante a isso, a emigração acompanhava essa transformação. Nota-se que o *fenômeno expulsor* teve seu início em algumas áreas da Lombardia e do Piemonte, seguida pelo Vêneto e terminou no Sul. E o segundo, deve-se à preferência manifestada pelos fazendeiros paulistas quanto à procedência regional, os quais optavam, especialmente, pelos setentrionais (Cf. Trento, 1989, p. 40-42; Alvim, 1986, p. 62-65). Para dar uma idéia desse movimento emigratório para o Brasil, Alvim (1986) apresenta alguns dados:

“Até 1901: Vêneto 326.793; Lombardia 86.585; Campânia 108.301; Calábria 67.944.

Após 1902: Vêneto 38.917; Lombardia 19.388; Campânia 57.779; Calábria 63.211” (Alvim, 1986, p. 63).

Nota-se que num primeiro momento, antes de 1901, o Vêneto tem o maior número de emigrados, seguido pela Campânia, Lombardia e pela Calábria. E, após 1902, quem toma a primazia é a Calábria, seguida pela Campânia, Vêneto e pela Lombardia. No caso de Araraquara, há somente suposições de que os setentrionais foram os primeiros a chegar.

Outro ponto relevante a ser observado na Tabela 2 está relacionado às redes migratórias. Como já mencionado, constatamos que quatro italianos eram oriundos da mesma *comune* (município no Brasil), cujo nome é *Spezzano Albanese*. Ela está localizada na província de Cosenza, região da Calábria. Na época da grande emigração, ela devia ser um pequeno povoado, pois, ao pesquisarmos sua população atual, atestamos que essa *comune* tem apenas 7.038 habitantes. De lá, portanto, vieram às famílias Tucci, Longo, Gullo e Blundi, as quais nos fazem pensar na possibilidade de cadeias familiares, que aos poucos foram se deslocando do local de origem. Tal possibilidade pode ser reforçada pelo fato de habitarem na mesma *comune* e já se conhecerem entre si.

Além dessas famílias, também havia outras provenientes do mesmo local (o que reforça ainda mais a idéia de cadeias familiares), como por exemplo, a dos Guaglianone, a dos Nocite, a dos Rinaldi etc., que na Tabela 2 não foram incluídas, porque tratamos de um grupo particular de italianos e não dos italianos em geral. Mas acredita-se que um estudo mais aprofundado possa desvendar uma “pequena *Spezzano Albanese*” localizada em Araraquara no período da grande emigração.

Ainda em relação à Tabela 2, é preciso ressaltar que foi uma emigração bem diversificada (italianos das regiões Norte, Centro e Sul da Itália), a qual irá se refletir na composição das associações. Nesta perspectiva, é fundamental dar atenção especial ao “fenômeno do regionalismo” (Cf. Trento, 1989, p. 162), pois ele perdurou por aproximadamente duas décadas nas associações italianas de Araraquara. Convém sublinhar que este “fenômeno” ocorreu de maneira diversa. Nas associações italianas localizadas em Ribeirão Preto, ao todo cinco, que foram fundadas a partir do ano de 1895, por exemplo, temos um quadro diferente. Lá, logo no início do século, elas foram se unindo (Cf. Furlanetto, 2008). Em Jaú, por sua vez, Oliveira (2008) identificou somente uma associação italiana. Esta foi fundada por italianos oriundos do Sul da Itália, em 1894. Mas ela tinha como sócios italianos de todas as regiões. Nota-se, porém, que, segundo a autora, esta associação era o “principal espelho refletor” das desavenças entre eles.

Deve-se ter em conta que após a unificação da Itália uma identidade nacional italiana podia ser encontrada apenas nas elites urbanas e educadas. A maioria da população vivia no campo e, para elas, “civilização italiana” não tinha significado nenhum. O nacionalismo que triunfava no final do século XIX demandava unidade lingüística e cultural. Contudo, o povo italiano ainda não possuía uma consciência de grupo, pois os seus limites não passavam do território onde viviam. Essa situação também se repetia no mundo da emigração, pois fora de seu país o italiano não

possuía uma identidade em comum. Eles se sentiam vênetos, calabreses, lombardos etc. (Cf. Bertonha, 2005). Para se dar uma idéia, Teixeira (2006), ao analisar os imigrantes italianos nas fazendas de café da comarca de Araraquara no período que se estende de 1890 a 1914, constatou que eles apenas formavam um grupo homogêneo, quando queriam se distinguir dos escravos. Ou seja, originalmente, eles não se sentiam italianos entre si. Por sua vez, Monsma, Truzzi e Conceição (2003), que estudaram uma quadrilha de calabreses no Oeste paulista, afirmam que “foi no Brasil que uma identidade regional se consolidou com maior vigor”.

Portanto, somente a partir do século XX, a identidade regional ou local que caracterizavam os imigrantes italianos foi, aos poucos, sendo substituída por uma identidade italiana. Três fatores foram fundamentais nesse processo: a força do nacionalismo que se espalhava da Itália até as coletividades italianas do exterior, a tomada de consciência de se reconhecerem como estrangeiros e a designação de italianos atribuída pela população brasileira (Cf. Bertonha, 2005; Trento, 1989; Martins, 1973).

Em outro enfoque, pudemos perceber as redes de lealdades, imbricadas em uma cultura comum, por meio das altas taxas de endogamia.

Tabela 3: Demonstrativos de casamentos dos membros das associações italianas de Araraquara, 1889-1932.

Total pesquisado	275 nomes
Casaram em Araraquara	66
• com italianas	31
• com filhas de italianos nascidas no Brasil	23
• com filhas de brasileiros	4
• com portuguesas	4
• com espanholas	3
• com suécas	1
Não encontrado	209

Fonte: APHRT, Autos de Casamentos, 1889-1932.

Nossa pesquisa se baseou apenas nos Autos de Casamentos, por isso, o número de nomes não encontrados foi bastante alto. Para fazer um levantamento mais completo, teríamos que utilizar também os registros de casamentos realizados na igreja, porém, eles se encontram depositados na Cúria em São Carlos (SP) e há certa dificuldade na concessão da consulta. Mas o montante encontrado já nos revela que aqueles que se casaram em Araraquara fortaleciam suas “relações tradicionais” (Cf. Oliveira, 2008) consubstanciadas pelo matrimônio. De modo que, para essas pessoas, o processo migratório não enfraqueceu a instituição do matrimônio, da

vizinhança, da parentela e do compatriota. Em resumo, não dispomos de maiores informações a respeito dos matrimônios; contudo, pequenas pistas dão a entender que boa parte desses italianos já estava casado quando se fixaram em Araraquara, o que não diverge da literatura sobre o tema, sobretudo ao tratar de imigrantes da primeira geração (Cf. Dean, s. d., p. 81).

#### Associações italianas de Araraquara

A vida associativa dos italianos teve início na década 1850 nos centros urbanos do Piemonte, da Ligúria e da Toscana. As associações criadas nesta época dedicavam-se principalmente ao socorro mútuo, à educação de trabalhadores e ao estudo de melhores condições de trabalho. Diferentemente das corporações do Antigo Regime, essas associações eram regidas por regras e estatutos definidos. Grande parte delas serviu como meio de integração das classes operárias. Posteriormente, o fenômeno associativo se estendeu para outras regiões italianas e para as áreas rurais (Cf. Biondi, 2002). A esse respeito, Devoto (1991) acredita que a difusão regional do associacionismo na Itália pode justificar as características e a composição das mesmas, segundo a região de origem, na Argentina. Isso, certamente, também funciona para o caso brasileiro.

No Brasil, as experiências associativas entre os italianos tiveram início ainda antes da grande imigração em massa. A necessidade de reunir-se em sociedades com fins de mútuo socorro e beneficência era uma “exigência imprescindível dos primeiros imigrantes” (Trento, 1989, p. 171). Também no interior do Estado de São Paulo, as formas associativas foram precoces devido ao peso numérico de imigrantes italianos que neste Estado chegaram, permitindo, assim, uma multiplicação de entidades associativas. As razões para tal multiplicação foram as mais variadas, compreendendo desde a “finalidade patriótica, esportiva, aspiração religiosa, educação cultural ou artística ou simplesmente a organização do tempo livre oferecendo ocasiões recreativas e momentos de lazer” (Trento, 1992, p. 32). Tudo isso associado, sobretudo nos primeiros tempos, à “persistência e ao fortalecimento de identidades regionais e locais” (Trento, 1989, p. 172) e, posteriormente, à preocupação de manter os ideais de italianidade entre os italianos (Cf. Teixeira, 2007 e 2008).

Por sua vez, em Araraquara, no início do século XX existiam três associações de socorro mútuo e beneficência, cujas diferenças estavam caracterizadas de acordo com a região de origem dos italianos, conforme já adiantamos. Elas apresentavam uma disposição prática para cooperar com indivíduos de igual condição, com o propósito de enfrentar e aliviar as dificuldades sociais e econômicas peculiares dos primeiros tempos na nova sociedade. Como assinala Putnam (2006,

p. 150), “no cerne das sociedades de mútua assistência estava a reciprocidade prática: se você me ajudar, eu o ajudarei; enfrentemos juntos esses problemas que nenhum de nós pode enfrentar sozinho”. Dessa maneira, o capital social existente nessas associações tornava possível a tomada de ações cooperativas, que resultavam em benefícios não só para os seus próprios membros, mas para a comunidade. Posteriormente, com o apaziguamento das antigas dissensões foi fundada a *Società Italiani Uniti*, em 1920. Ela foi criada a partir da fusão da *SIB* com a *SIMS*.

A primeira associação a ser fundada foi a *Società Meridionali Uniti*. O pouco que se sabe é que ela também era chamada de *Clube dos Meridionais* e que seus sócios cultivavam a memória do rei Humberto, da Itália, cujo falecimento ocorreu no dia 29 de junho de 1900. É claro, ela era uma associação constituída pela maioria (senão pela totalidade) dos italianos oriundos do Sul da Itália. Segundo Biondi (2002), essas associações eram geralmente de tendência monarquista e conservadora.

Em pesquisas realizadas na Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados<sup>10</sup>, localizamos, nos Anuários Estatísticos, pequenas informações sobre a sua fundação, número de sócios e até quando ela figurou nos Anuários.

Tabela 6: *Società Meridionali Uniti*

Anos	N. Sócios	Anos	N. Sócios
1900	*	1906	**
1901	*	1907	*
1902	91	1908	58
1903	*	1909	*
1904	*	1910	*
1905	*	1911	*
Fundação 1900			

Fonte: SEADE-SP, Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo.

\*Aparece nos registros dos Anuários, porém, não constam os dados.

\*\*Não houve registro desta associação no referido ano.

Obs: A partir do ano de 1912 deixa de figurar nos Anuários.

Compilado pela autora.

Apesar da falta de informações, o que chama atenção é o número de sócios do ano de 1902, considerado, aliás, bem razoável.

A outra associação que existiu em Araraquara foi a *Società Italiana di Mutuo Soccorso*, fundada em 1901. Assim como a *SMU*, poucas informações foram deixadas sobre ela. Sabemos que ela era composta pela maioria dos italianos oriundos da Itália Central. Parece que a *SIMS* mantinha boas relações com a *SIB*, pois em setembro de 1908, ela a convidou para participar das

<sup>10</sup> Doravante SEADE-SP.

comemorações do XX de Setembro<sup>11</sup> e, nesta ocasião, a maioria do Conselho aceitou e compareceu (*SIB*, Livro de Atas, p. 31). Contudo, em novembro de 1909, um membro do seu Conselho fez uma proposta à *SIB*, que foi recusada. Tal proposta tinha como objetivo a união entre as duas associações (*SIB*, Livro de Atas, p. 56). Ao pesquisarmos o fundo particular de “José Ferrari Secondo”<sup>12</sup>, depositado no APHRT, encontramos um documento, registrado por ele, cujo conteúdo atesta que a *SIMS* se uniu com a *SMU*. Provavelmente, essa união ocorreu no ano de 1912, justamente quando a *SMU* deixou de figurar nos anuários. A *SIMS* também estava incluída nos Anuários Estatísticos, mas, ao contrário da *SMU*, podemos visualizar um quadro de sócios, numericamente, mais completo.

Tabela 7: Società Italiana di Mutuo Soccorso

Anos	N. Sócios
1901-11	*
1912	**
1913	49
1914	38
1915	37
1916	70
1917	39
1918	**
1919	**
Fundação 1901	

Fonte: SEADE-SP, Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo.

\*Durante esses anos ela não figura nos Anuários.

\*\*Aparece nos registros dos Anuários, porém, não constam os dados.

Obs: A partir do ano de 1920 deixa de figurar nos Anuários.

Compilado pela autora.

Nota-se, contudo, que ela era uma associação com poucos associados. Tal fato pode ter uma explicação: como já referido, os historiadores locais dizem que para Araraquara os italianos do Norte vieram em maior quantidade.

A terceira associação, fundada no início do século XX, recebeu o nome de *Società Italiana di Beneficenza*. As Atas de suas Assembléias ainda existem, mas elas não estão completas, pois o livro inicia com as reuniões do ano de 1908, sendo que a associação foi fundada em 5 de outubro de 1901. Ela era uma associação que congregava a maioria dos italianos precedentes do Norte da Itália. Nela também encontramos alguns sócios oriundos do Centro e do Sul, o que sugere uma homogeneidade. Mas era só na aparência, pois isso não minimizava a auto-

<sup>11</sup> Esta data é considerada a “páscoa dos italianos”. Foi nesta data, no ano de 1870, que as tropas de Vitório Emanuel entraram em Roma.

<sup>12</sup> Ele foi membro da *SIU*.

segregação no seio da associação, especialmente quando se tratavam das eleições para cargos na diretoria. A saber, durante a sua existência os representantes da diretoria se originavam, exclusivamente, do Norte da Itália.

A *SIB* funcionou durante o período de 1901 a 1919. Além de socorrer seus próprios sócios em momentos de necessidades - doença, invalidez, funerais, auxílio aos familiares dos sócios após a sua morte etc. -, ela atuava também com o fim de prestar socorro aos italianos, independente de sua procedência, que se encontravam em estado de indigência. Ela também fazia ações de caridade em prol de instituições carentes (Cf. Teixeira, 2007).

A diretoria que representou a *SIB* durante a sua existência era composta por uma maioria de trabalhadores semi-qualificados e do comércio.

Tabela 8: Atividades profissionais dos membros que representaram o Conselho Diretor da *SIB*, 1908-1919

Atividades profissionais	Nº	Atividades profissionais	Nº
alfaiates	03	pintor	02
sapateiros	02	fabricante de cerveja	01
fabricante de charutos	01	fabricante de gasosa	01
músico	01	carroceiro	01
proprietário de restaurante	01	ferreiro e carpinteiro	01
comerciantes	06	fabricante de cadeiras	01
marceneiro	01	torrefador de café	01
lavrador	01	joalheiro	01
		professor	01
Total de membros 32			
Atividades profissionais identificadas de 26 membros			

Fonte: Livro de Atas da *SIB*; APHRT, Autos de Casamentos, 1889-1932 e Livro de coleta de impostos de indústria e profissão, 1899-1913; Álbum de Araraquara, 1915.

Se projetarmos as atividades profissionais desses membros em termos sociais, pode-se deduzir, especialmente porque eles se colocam acima da escala social inferior<sup>13</sup>, que eles representavam a classe média italiana em formação, visto que esta se formou entre os anos de 1911 a 1920, como será visto mais à frente.

Continuando, sua diretoria era composta por um presidente, um vice-presidente, um secretário, um vice-secretário, um tesoureiro e seis conselheiros, todos escolhidos por votação secreta e de caráter voluntário. Ela contava também com um zelador e um administrador, cujos

<sup>13</sup> Entendemos que a escala social inferior englobava trabalhos considerados marginais como, por exemplo, os de vendedores ambulantes (sobretudo de frutas e verduras), serventes da construção civil, jornaleiros, carroceiros etc. (Cf. Oliveira, 2008, p. 147). A respeito da ocupação de carroceiro, Oliveira (2008, p. 72) observa que foi “um dos serviços que criaram a oferta de trabalho diretamente em proporção ao fluxo da expansão da lavoura cafeeira”. Convém dizer que o único carroceiro que integra a diretoria da *SIB* conseguiu êxito financeiro.

cargos eram os únicos remunerados. O processo de admissão para sócios era rigoroso. O proponente deveria ser apresentado por dois sócios da diretoria, ter até 50 anos de idade, ser italiano ou descendente deste, morar em Araraquara ou no município, pagar uma jóia no valor de dez mil réis e um mil réis referente ao estatuto. Ao contrário das outras duas associações, seu número de sócios era bastante razoável:

Tabela 9: Società Italiana di Beneficenza

Anos	N. Sócios	Anos	N. Sócios
1901	*	1911	153
1902	87	1912	***
1903	79	1913	*
1904	82	1914	171
1905	79	1915	*
1906	**	1916	75
1907	108	1917	75
1908	*	1918	*
1909	*	1919	58
1910	108		
Fundação 1901			

Fonte: SEADE-SP, Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo.

\*Aparece nos registros dos Anuários, porém, não constam os dados.

\*\*Foi registrada somente as despesas.

\*\*\*Aparece somente dois sócios beneméritos.

Obs: A partir de 1920 deixa de figurar nos Anuários.

Compilado pela autora.

De fato, se compararmos com as outras associações existentes, nota-se que o quadro social da *SIB* era bem mais numeroso. Observa-se que há variação no número de sócios. Isso, talvez possa ser atribuído ao não pagamento das mensalidades, que implicava em expulsão, ou a conflitos entre os sócios.

O recurso financeiro da *SIB* advinha das jóias pagas por ocasião das matrículas, das mensalidades no valor de dois mil réis, que permaneceram sem alteração até 1918, eventuais doações e lucros advindos da promoção de jogos nos períodos de maiores necessidades. As questões financeiras expressam as dificuldades do grupo em gerir seus objetivos sociais e, por isso, constantemente, seus membros usavam de artifícios, como o jogo de tómbola, para refazer o caixa. O abalo no fluxo de caixa era causado, sobretudo, pelo não recebimento das mensalidades. Contudo, mesmo com as dificuldades financeiras que freqüentemente passava, quando ocorreu a fusão com a *SIMS*, em 1920, seu patrimônio consistia em: um imóvel onde funcionava a sede social, um terreno com uma pequena casa, depósitos no Banco de Araraquara, dinheiro em caixa referente às mensalidades e mobília da sede.

### Ao vencedor as batatas

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência de outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

*Machado de Assis (Quincas Borba)*

Este texto foi extraído do romance *Quincas Borbas*, Machado de Assis, publicado em 1891. Ele nos faz lembrar uma premissa básica da história da emigração italiana: a luta pela sobrevivência, onde, sem dúvida, quem vence são os mais fortes. É nesta perspectiva que vamos conhecer o lugar na escala social ocupado pelos italianos, especialmente os que ocuparam cargos nas diretorias das associações. Antes, porém, parece necessário relembrar, embora sucintamente, em que condições a grande maioria dos emigrados chegou ao Brasil no século XIX.

Vimos anteriormente que os italianos que emigraram a partir da segunda metade do século XIX não deixaram seu país por motivos frívolos, mas pelas inelutáveis condições de miséria em que viviam. Tal condição os obrigou a procurar trabalho nos países em que a mão-de-obra tornava-se escassa e que estavam dispostos a aceitá-los. Como se sabe, um desses países foi o Brasil. Recapitulando, os imigrantes italianos são inseridos neste país como substituto do escravo. Contudo, a “escravidão era comumente justificada em nome de uma inferioridade racial congênita e não representava, portanto, uma injustiça social” (Castaldi, 1960, p. 347). Ademais, o trabalho do negro liberto tornou-se uma espécie de estigma, o que afetou diretamente o imigrante. Ressalte-se que, quando o imigrante italiano chegou ao Brasil como substituto do negro, apesar de ser considerado pela sociedade superior ao seu antecessor, por ser branco, ele foi colocado no nível inferior da camada social devido à sua condição de trabalhador manual (Cf. Castaldi, 1960, p. 347).

Se por um lado, situava-se como substituto dos escravos nas fazendas e como empregado nas novas áreas pós-escravistas, por outro, majoritariamente desprovido de posses, concentrava-

se nas cidades exercendo atividades insalubres. Martins (1981) afirma, por exemplo, que a grande parte dos imigrantes italianos que se fixou em São Paulo permaneceu por longo tempo em posições inferiores na sociedade como principal contingente da classe trabalhadora.

De maneira geral, o preconceito em relação aos imigrantes italianos estava presente, sobretudo no âmbito da classe dominante. Interessante recordar como os intelectuais brasileiros reproduziam em suas obras os valores negativos apregoados aos italianos. Em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, publicado em 1927, Antonio de Alcântara Machado (1976) descreve, de maneira sutil e com certa dose de humor, o cotidiano dos italianos reproduzindo o bordão de *carcamano*<sup>14</sup>, em sentido pejorativo e jocoso, pelo qual eles eram tratados.

Deixando de lado a imagem negativa do imigrante italiano, na realidade, conforme observam Trento (1989, p. 151) e Dean (s. d., p. 59), aqueles que chegaram pobres no Brasil e se fixaram nas cidades dificilmente conseguiram ir além do comércio varejista ou da oficina de artesanato, que nem sempre se transformou em indústria. É claro que existem exceções (em São Paulo, por exemplo, Nicola Scarpa e Dante Ramenzoni), mas a maioria do empresariado italiano originava-se da classe média, ou, pelo menos, já tinham alguma experiência comercial e até mesmo certo grau de instrução e uma noção de conhecimentos técnicos. Sabe-se também que havia os imigrantes que chegavam às cidades depois de passar alguns anos trabalhando nas fazendas.

Porém, deve ser lembrado dos imigrantes que se tornaram proprietários de fazendas operadas pelo trabalho familiar, que podem ter começado de diversas formas: como colonos de café, como negociantes nas cidades, como empreiteiros ou mesmo exercendo uma profissão extra-agrícola, a qual lhes dava a oportunidade de juntar um dinheiro (Cf. Alvim, 1986, p. 155). No município de Araraquara, por exemplo, no ano de 1905, alguns imigrantes italianos já haviam ascendido socialmente como proprietários rurais, conforme demonstrado abaixo:

---

<sup>14</sup> Esse termo nasceu da prática de alguns comerciantes italianos de alterar o peso das mercadorias apoiando a mão na balança.

Tabela 4: Estatística agrícola de 1905 – Propriedades agrícolas

Brasileiros	295
Italianos	68
Portuguezes	75
Hespanhoes	8
Francezes	1
Allemaes	2
Diversos	3
Total	452

Fonte: Estado de São Paulo Estatística Agrícola e Zootécnica – 1904-1905<sup>15</sup>

Nota-se que, de um total de 452 propriedades agrícolas, 295 pertenciam aos brasileiros e 68 aos italianos, com uma diferença muito pequena em relação aos portugueses (75). Alguns observadores acreditam que os colonos, ao fazerem as suas economias, preferiam se estabelecer no Brasil adquirindo uma pequena propriedade, ao invés de gastar com as despesas de viagem ao seu país de origem (Cf. Holloway, 1984, p. 212).

No caso dos italianos pertencentes às associações, não foi possível encontrar informações que confirmassem se eles dispunham de recursos para dar início as suas atividades profissionais em Araraquara. Mas, para uma parte deles, há um forte indicativo de que, se eles começaram do nada, não demoraram muito para acumular capital. Isso foi constatado ao cruzarmos as informações contidas em alguns documentos, quais sejam, o *Livro de coleta de impostos de indústria e profissão, 1899-1913* (APHRT), o *Álbum de Araraquara, 1915*, os *Autos de Casamentos, 1889-1932* (APHRT), entre outros, com as escrituras de compras e de vendas de imóveis, que estão registradas nos Livros de Distribuições das Escrituras dos Cartórios, cujo período pesquisado se estendeu de 1895 até 1928.

Primeiramente, porém, é preciso ter em conta que tais Livros não informam se as propriedades adquiridas são urbanas ou rurais. Especificamente, neles é anotada toda a movimentação financeira ocorrida nos Cartórios, assim como hipotecas, cessões de direito, penhores, compras de máquinas agrícolas, contratos públicos, permutas, arrendamentos etc. Na verdade, eles são preciosos documentos históricos que informam, entre outras, todas as transações de compras e de vendas de imóveis, as quais constituem uma demonstração de capital que, por força das circunstâncias, foi posto em movimento. Além disso, eles representam um “termômetro” na escala de poder.

<sup>15</sup> Dados fornecidos pelo Prof. Dr. Oswaldo M. S. Truzzi (UFSCar).

Desse modo, por meio das informações contidas nesses documentos procuramos trazer à tona a escalada econômica dos italianos que ocuparam cargos na diretoria das associações. Nota-se que aqui nos limitamos aos italianos que desempenharam papéis de destaques no âmbito das associações, e não a todos que as compunham. Como bem recorda Elias (*Apud* Heinich, 2001, p. 123), “examinar o *todo* de um campo social não quer dizer examinar *todos* os seus acontecimentos. Trata-se de descobrir primeiramente as estruturas fundamentais que imprimem a todos os acontecimentos de um dado campo social, uma orientação e uma morfologia específicas”.

Antes de entrarmos na discussão essencial, é necessário dizer que anterior ao ano de 1900 há registros dos italianos pesquisados no *Livro de Distribuição das Escrituras do 1º e 2º Ofícios*, nº 2 (APHRT), que datam dos anos de 1895 e 1896. Porém, nele não estão registrados os valores de compras e de vendas, mas demonstram que certos italianos, seis deles, já negociavam imóveis antes do século XX. Deve-se notar que, no decorrer dos anos, encontramos amiúde os italianos pesquisados em constantes transações de compras e de vendas.

Assim, como resultado constatamos que nem todos aqueles que ocuparam cargos nas diretorias estavam incluídos nos Livros de Distribuições das Escrituras dos Cartórios. Da *SIU* foram encontrados trinta e nove membros registrados nestes Livros, de um total de setenta e oito integrantes que passaram pela diretoria durante a sua existência (1920-1941), ou seja, cinquenta por cento. Iguamente à *SIU*, da *SIB* o número também foi bem expressivo. Dos trinta e dois membros que integraram a diretoria no decorrer dos anos de 1908 a 1918 (período referente às Atas), localizou-se dezenove, isto é, aproximadamente quarenta por cento. Já da *SIMS* e da *SMU* não conhecemos todos os seus integrantes. Então o montante pesquisado ficou assim: de quatro membros da *SIMS*, encontramos dois e, da *SMU*, de vinte pesquisados, situamos quatro.

É interessante observar que o cruzamento das fontes utilizadas nos mostrou um quadro de fixação na cidade de Araraquara e de progressão econômica gradual no que se refere à moradia ou ao negócio. Nota-se que a maioria negociou valores medianos (de um conto de réis a vinte contos de réis) em comparação aos valores mais altos e aos mais baixos como, por exemplo: as duas compras de Vincenzo Gravina, uma de cem contos de réis (ano de 1910) e, a outra, de setecentos e quarenta contos de réis (ano de 1912). Destaca-se também uma venda de Enrico Somenzari no valor de cento e cinquenta contos de réis (ano de 1921). Dos valores mais baixos pode-se exemplificar uma compra de Pietro Davoli (ano de 1909), na quantia de oitenta mil-réis.

Deve-se, entretanto, prestar atenção ao volume de compras e de vendas de imóveis efetuadas durante os períodos, pois ele nos fornece dados importantes.

Tabela 5: Volume de compras e de vendas de imóveis, 1900-1928

1900-1910		1911-1920		1921-1928	
Compras	Vendas	Compras	Vendas	Compras	Vendas
251:907\$	30:830\$	984:435\$	292:860\$	233:250\$	361:600\$
Saldo (+) 221:077\$		Saldo (+) 691:575\$		Saldo (-) 128:350\$	
Valor maior - compra 100:000\$		Valor maior - compra 740:000\$		Valor maior - venda 150:000\$	
Diferença - Saldo (+) 121:077		Diferença - Saldo (-) 48:425\$		Diferença - Saldo (+) 21:650\$	
Negociantes 23		Negociantes 29		Negociantes 33	

Fonte: APHRT: Livro de Distribuição das Escrituras do Cartório de 1º Ofício, nº 3; Livro de Distribuição das Escrituras do Cartório de 1º Ofício, nº 4; Livro de Distribuição das Escrituras do Cartório de 2º Ofício, nº 4.

Entre os anos de 1900 a 1910, vinte e três italianos fizeram transações de compras e de vendas de imóveis. O volume de compras registrou um valor superior ao de vendas, ou seja, apresentou um saldo positivo, mesmo subtraindo a compra de cem contos de réis. Pelo menos nos primeiros tempos, isso pode indicar que eles não estavam comprando para obter lucros em negociações<sup>16</sup>, mas para estabelecer-se no município. Já no período seguinte, 1911 a 1920, nota-se um crescimento das transações de vendas, isso, claro, se subtrairmos a compra na quantia de setecentos e quarenta contos de réis. Há também um aumento do número de italianos que negociaram, cujo total passou a ser vinte e nove. Infere-se, entretanto, que o montante de vendas pode ter sido incentivado pela vinda de pessoas procedentes de outras regiões em razão do crescimento urbano acompanhado pelo desenvolvimento rural, consubstanciados pela expansão cafeeira. Apesar da aparente contradição, entendemos que este saldo negativo, já é um sinal de acúmulo de capital patrimonial e, mais importante, acredita-se que a classe média italiana, que pertencia à *SIU*, começou a ser formada justamente nesse espaço de tempo. Enfim, no último período, 1921 a 1928, observa-se que, subtraindo o valor de cento e cinquenta contos de réis das vendas, obtém-se um saldo positivo, o que indica um aumento do patrimônio em relação aos que se desfizeram dele. Ao mesmo tempo, nota-se que a diferença entre as compras e as vendas não foi muito alta. Isso pode significar que a concentração dos negócios foi elevada tanto para os que compraram, quanto para os que venderam imóveis. Por conseguinte, verificou-se que trinta e três italianos negociaram imóveis.

<sup>16</sup> Houve apenas uma exceção, a do presidente da *SIMS*, pois, pelo volume de vendas, acreditamos que ele fazia negociações com fins exclusivamente lucrativos.

O que temos, portanto, é uma demonstração da mobilidade social alcançada por parte dos membros que ocuparam cargos nas diretorias das associações. Cabe ressaltar que tal mobilidade é produto, naturalmente, da prosperidade decorrente da expansão da cultura cafeeira. Mas também é produto de uma rede de relações duráveis e úteis, que se denomina capital social, representada pelas associações italianas de socorro mútuo e de beneficência (Cf. Teixeira, 2009). Como bem enfatiza Castaldi (1960, p. 15), “a mobilidade social é possível somente quando o meio social e econômico a permite”.

Finalmente, o percurso trilhado ao longo desta investigação constitui um esforço no sentido de contribuir, ainda que modestamente, para revelar a mobilidade social de um grupo particular de imigrantes italianos que usufruíram dos potenciais benefícios advindos das associações de socorro mútuo e beneficência, as quais, durante aproximadamente duas décadas, se distinguiram pela preservação e reforço de uma identidade regional. Como já tivemos oportunidade de dizer, o nosso pressuposto é o de que as experiências associativas se constituíram como canais de mobilidade social.<sup>17</sup> Efetivamente, o material existente permite inferir que o associativismo, por ser uma fonte produtora de capital social, aumentou as chances de oportunidades de mudança da condição social dos italianos à medida que enriqueceu o leque de interações e de vivências que extravasaram o círculo social de origem. Logo, as experiências adquiridas por eles, através dos contatos desencadeados em diferentes espaços sociais e culturalmente heterogêneos, confluíram para alargar horizontes, influenciando positivamente suas caminhadas em sentido ascendente.

#### Fontes inéditas

Atas das Assembléias da *Società Italiana di Beneficenza* (1908-1919)  
Atas das Assembléias da *Società Italiani Uniti* (1920-1941)

#### Fontes

Álbum de Araraquara, 1915  
Estado de São Paulo Estatística Agrícola e Zootécnica, 1904-1905  
Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE-SP

Arquivo Público Histórico “Rodolpho Telarolli” de Araraquara:  
- Recenseamento de Araraquara, 1902;

---

<sup>17</sup> Nota-se que há autores que apontam que as associações funcionavam como via de acesso à política local (Oliveira, 2008; Leite, 2007, entre outros).

- Relatório apresentado a Ilma. Câmara Municipal em sessão de 15 de janeiro de 1910, pelo Prefeito Americo Danielle;
- Autos de Casamentos, 1889-1932;
- Livro de coleta de impostos de indústria e profissão, 1899-1913;
- Livro de Distribuição das Escrituras do Cartório de 1º Ofício, nº 3;
- Livro de Distribuição das Escrituras do Cartório de 1º Ofício, nº 4;
- Livro de Distribuição das Escrituras do Cartório de 2º Ofício, nº 4;

#### Referências bibliográficas

ALVIM, Zuleika M. F. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BAILY, Samuel. Las sociedades de ayuda mutua y el desarrollo de una comunidad italiana em Buenos Aires, 1858-1918. *Desarrollo económico*. Buenos Aires, v. 21, n. 21, p. 484-514, ene-mar 1982.

BATALHA, Cláudio H. M. Sociedade de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. *Cadernos AEL*. Campinas: UNICAMP, v. 6, n. 10-11, p. 41-68, 1999.

BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BESTENE, Jorge O. Formas de asociacionismo entre los sírio-libaneses em Buenos Aires (1900-1950). In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos em América Latina em una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*. 567 f. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2002.

CASTALDI, Carlo. O ajustamento do imigrante à comunidade paulistana: estudo de um grupo de imigrantes italianos e seus descendentes. In: HUTCHINSON, Bertram. *Mobilidade e trabalho – um estudo na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960, p. 281-359.

CORRÊA, Ana Maria M. *História social de Araraquara*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1967.

DARNTON, Robert. Apresentação. In: *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. 3º ed. São Paulo: Difel, s/data.

DE LUCA, Tânia Regina. *O sonho do futuro assegurado*. São Paulo: Contexto, 1990.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Pesquisa Histórico-Sociológica, relatos orais e imigração. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri, TRUZZI, Oswaldo M. S. (org.). *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EdUFSCar, 2005. p. 87-113

DEVOTO, Fernando J. Participación y conflictos em las sociedades italianas de socorros mútuos em Buenos Aires y Santa Fé. In: DEVOTO, Fernando J. *Estudios sobre la emigración italiana a la Argentina em la segunda mitad Del siglo XIX*. Collana: Publicación del Seminario di Studi Latinoamericani dell'Università di Sassari, Serie Studi – I Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1991.

\_\_\_\_\_. La experiencia mutualista italiana en la Argentina: un balance. In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

ESTRADA, Baldomero. La colectividad italiana de Santiago de Chile a través de la sociedad de mutuos socorros 'Italia' (1880-1910). In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

FERNÁNDEZ, Alejandro E. El mutualismo español en un barrio de Buenos Aires: San José de Flores, (1890-1900). In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. *Cadernos AEL*. Campinas: UNICAMP, v. 6, n. 10-11, p. 171-220, 1999.

FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo. In: *Obras Completas V*. Rio de Janeiro: Imago Editora. vol. XIII.

FURLANAETTO, Patrícia G. *O associativismo como estratégia de inserção social: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920)*. Tese (Doutorado em História Social), 305 p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria B. Amoroso (et. al.). São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEITE, Sílvia I. de S. *Os italianos no poder, cidadãos catanduvenses de virtude e fortuna: 1918-1964*. Tese (Doutorado em Sociologia), 202 p. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Paulista Julio de Mesquita Filho, 2007.

LORENZO, Helena Carvalho de. *Origem e crescimento da indústria na região "Araraquara – São Carlos" (1900-1970)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1979.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as Polcas e suas Associações de Ajuda Mútua*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

MACHADO, Antonio de Alcântara. Brás, Bexiga e Barra Funda. In: *Novelas paulistanas*. 4° ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

MARTINS, José de Souza. Trabalho e comunidade. In: MARTINS, José de Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.

\_\_\_\_\_. Empresários e trabalhadores de origem italiana no desenvolvimento industrial brasileiro entre 1880 e 1914 – O caso de São Paulo. In: *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 2, 1981, p. 237-264.

\_\_\_\_\_. O mútuo socorro no nascimento da classe trabalhadora. In: MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MARUCCO, Dora. Lavoro e solidarietà popolare: forme, modelli, rapporti Del mutuo soccorso italiano. In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

MONSMA, K; TRUZZI, O; CONCEIÇÃO, S. da. Solidariedade étnica e crime organizado: uma quadrilha de assaltantes calabreses no Oeste paulista e suas relações com outros italianos, 1895-1898. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 18, nº 53, p. 71-96, 2003.

MONTEIRO, Rosane C. M. *Criadores, cafeicultores, terra e mão de obra*. Araraquara e São Carlos na era da transição, 1830-1888. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Ciências e Letras da UNESP- Campus Araraquara, 2000.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Impasses no novo mundo: imigrantes italianos na conquista de um espaço social na cidade de Jaú, (1870-1914)*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

ROSOLI, Gianfausto. L'associazionismo cattolico degli emigrati italiani in América tra '800 e '900. In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

SALA, Umberto. *A emigração italiana no Brasil (1925)*. Maringá, PR: EDUEM, 2005.

SILBERSTEIN, Carina Frid de. Lãs opciones educativas de la comunidad italiana em Rosário: Lãs escuelas mutualistas y el colégio Salesiano (1880-1920). In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

SILVA JR., Adhemar L. Condicionantes locais no estudo do socorro mútuo (Rio Grande do Sul: 1854-1889). In: *Locus, Revista de História*, Juiz de Fora: EdUFJF, vol. 5, n. 2, 1999.

SOUZA, José Maria Viana de. *Araraquara 212 anos de história*. São Carlos-SP: Editora Compacta, 2003.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. *Italianos em casos de conflitos e tensões nas fazendas de café da comarca de Araraquara, 1890-1914*. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade de São Carlos-SP, 2006.

\_\_\_\_\_. Imigrantes italianos e a *Società Italiani Uniti*: algumas considerações preliminares. *História Unisinos*, São Leopoldo-RS, vol. 11, n. 1, p. 58-71, 2007.

\_\_\_\_\_. Nacionalismo-fascismo-italianidade. *Lócus:Revista de História*, UFJF, MG, vol. 14, n. 2, p. 187-204, 2008.

\_\_\_\_\_. Coibindo desigualdades: a força do capital social. In: *XXVIII Congress - Latin American Studies Association (LASA)*, Rio de Janeiro, 2009.

TELAROLLI, Rodolpho. *Poder local na república velha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. *Para uma história de Araraquara: 1800 a 2000*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial, 2003.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. Le associazioni italiane a São Paulo: 1878-1960. In: DEVOTO, Fernando J. y MIGUEZ, Eduardo J. (compiladores). *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada. Buenos Aires: CEMLA-CSER-IEHS, 1992.

VISCARDI, Cláudia M. R. Mutualismo e filantropia. In: *Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG*, UFJF, Juiz de Fora, 2004.

\_\_\_\_\_. As experiências mutualistas de Minas Gerais: um ensaio interpretativo. In: ALMEIDA, Carla Maria de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (org). *Nomes e números: alternativas metodológicas para a História Econômica e Social*. Juiz de Fora: UFJF Editora, 2006. (no prelo).